

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

A lógica diferenciada de se relacionar com o conhecimento [The differentiated logic of relating to knowledge]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Schwingel, Carla
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-10-26 09:26:53
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162880

A lógica diferenciada de se relacionar com o conhecimento

Entrevista com Carla Schwingel

Para a jornalista Carla Schwingel, “o fato de deixar disponível o código-fonte para qualquer pessoa alterar, trocar, é um dos fatores instigantes da cultura que emerge das práticas sociais do ciberespaço”. A afirmação foi dada em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, na qual ela fala sobre a construção coletiva do conhecimento na Internet. Carla é professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFRGS, e mestre e doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela UFBA, com a tese Sistemas de publicação no jornalismo digital. Na opinião da professora, “quando a pessoa tem idéias e as compartilha, outras idéias são agregadas e novas surgem. É sair da lógica da escassez para a da abundância. Esta é a lógica do excesso que o ciberespaço nos proporciona”. Confira, a seguir, a entrevista na íntegra.

IHU On-Line – Qual sua opinião sobre as obras construídas coletivamente, como a Wikipédia, por exemplo? Como se entendem, nesse tipo de obras, os direitos autorais e o *copyright*?

Carla Schwingel – As obras de autoria coletiva representam uma forma diferenciada de relação com o conhecimento. Nelas, a informação é de todos, ou seja, qualquer informação inclusa naquelas páginas (sítio, publicação) é responsabilidade daquela comunidade associada. Nenhum integrante daquele grupo pode se eximir de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo. Também são uma forma de publicação de informações, pois por meio das tecnologias de postagem, o *wiki*, qualquer pessoa pode publicar, retirar, alterar o conteúdo. Essas tecnologias distribuídas permitem o que alguns pesquisadores denominam de liberação do pólo de emissão. A Wikipédia é uma grande enciclopédia onde as pessoas podem encontrar informações incluídas por outras pessoas, mas também, ao se considerarem especialistas naquela área, podem alterar algum dado incorreto. É resultado de uma comunidade internacional de desenvolvedores de softwares, que busca lidar com o conhecimento de forma diferenciada, de

acordo com os preceitos do software livre. Os direitos autorais são coletivos, ou seja, pertencem àquela comunidade. Agora, como elas representam outra lógica, não se pode mais falar de *copyright*, a lógica vigente é a do *copyleft*, do deixar copiar, e a regulamentação é a do *Creative Commons*⁴, com licenças que salvaguardam alguns direitos, não todos. As pessoas quando entram no projeto sabem quais são os preceitos e aceitam tais condições.

IHU On-Line – E como a senhora avalia a questão da confiabilidade das informações em ambientes virtuais em que não se sabe ao certo quem elaborou o conteúdo?

Carla Schwingel – Gosto muito da visão dos propositores desses projetos e dessas tecnologias, como Ward Cunningham,

⁴ O projeto *Creative Commons* se propõe a ser uma alternativa ao *all rights reserved* (todos os direitos reservados), com base na idéia de que, com a Internet, o direito precisa ser mudado. As licenças de bens intelectuais, como software, músicas, livros, filmes, teriam diversos níveis de acesso, desde a livre distribuição à permissão apenas para *download*, vedação de circulação e uso comercial, segundo escolha dos autores. O Brasil é o terceiro país a abraçar o projeto, depois da Finlândia e do Japão. A expectativa é de que, até o final deste ano, mais de 50 países tenham aderido ao *Creative Commons*. (Nota da **IHU On-Line**)

inventor do *wiki*, de que são ferramentas colaborativas nas quais todos podem acrescentar, alterar o conteúdo. Por isso, a responsabilidade editorial, se assim quisermos falar, é da comunidade. Se é uma comunidade, são várias as pessoas responsáveis, podendo todas atuar como editores. Assim, quando uma informação está imprecisa, cabe à pessoa que percebeu a imprecisão fazer a correção. É a idéia de que o conhecimento de muitos é maior do que o de um, ou seja, da inteligência da coletividade. Participo de algumas comunidades que utilizam a tecnologia *wiki* para produção de conteúdos, e a questão da confiabilidade é, muitas vezes, bem maior do que a de uma publicação editorial tradicional, como esta que vocês estão produzindo aqui, que é feita pelo repórter e passa pelo editor ou pelos editores. Em um projeto *wiki*, todos os demais, não somente o editor, comentam, acrescentam, criticam a informação postada. Se a publicação é anônima, a crítica é para a comunidade em si, se não é anônima, como na maioria dos *wikis*, que a pessoa precisa se cadastrar e os administradores do projeto sabem quem postou aquela informação, a resposta é direcionada e, muitas vezes, se quem postou teve uma atitude considerada destoante da comunidade, pode ser banido do projeto. O que algumas pessoas esquecem é que a lógica do ciberespaço, da construção coletiva é a mesma das relações pessoais, ou seja, um grupo, uma comunidade possui regras, e, se alguém não se enquadra, é banido. Algumas pessoas passam a utilizar a Internet sem conhecer a “etiqueta” da rede. Isso significa, por exemplo, não usar letras maiúsculas nas mensagens, porque significa que estamos gritando. Nos projetos de desenvolvimento colaborativo, a sensibilidade para essas “normas”, “regras” da Internet é muito apurada, pois são comunidades formadas por técnicos, desenvolvedores, *hackers*, pessoas que utilizam há muito tempo a rede, que não possuem paciência para ações que não venham agregar em prol do objetivo do projeto, por isso que são projetos

específicos. A confiabilidade passa também a ser responsabilidade do leitor. E isso é muito interessante, pois modifica totalmente uma relação, um contrato de leitura estabelecido.

IHU On-Line – Qual a sua opinião sobre o software livre o fato de os seus idealizadores considerarem o código-fonte como um bem cultural da humanidade? Que tipo de reflexos esse pensamento pode acarretar na sociedade? Ou ele já é um reflexo da sociedade contemporânea?

Carla Schwingel – Os desenvolvedores de software livre consideram o código-fonte um bem cultural da humanidade porque ele é um ferramental a ser aplicado a distintas situações. Essa é a lógica diferenciada de relacionar-se com o conhecimento. Richard Stallman⁵, ao defender o software livre, ressalta que a comunidade de desenvolvedores da Internet trocava códigos-fontes como se trocam receitas culinárias. Em outras palavras, a efervescência e diversidade da cozinha nos restaurantes internacionais, por exemplo, somente existe em função da troca, da alteração, da mistura. Eles falam sobre o patenteamento das fórmulas matemáticas. Se outras ciências não pudessem usar a matemática, como seria nossa ciência e evolução? Bens imateriais são difíceis de serem avaliados. O código-fonte é um bem simbólico intangível, então como poderia ser avaliado? O fato de deixar disponível o código-fonte para qualquer pessoa alterar, trocar, acreditar, é um dos fatores instigantes da cultura que emerge das

⁵ **Richard Stallman** é conhecido no mundo inteiro pela sua defesa e desenvolvimento do software livre. Ele é o fundador do projeto GNU lançado em 1984, para desenvolver o sistema operacional do software livre. Estudou Física em Harvard e trabalhou no Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) antes de se converter no grande libertário da informática. Em 1984, fundou a Free Software Foundation (www.fsf.org). Publicamos uma entrevista com Richard Stallman no **IHU On-Line**, 69ª edição, de 4 de agosto de 2003, em que discutimos a questão do software livre. Ele concedeu uma entrevista exclusiva à revista **IHU On-Line** na edição número 136, de 11 de abril de 2005. Sua página pessoal na Internet é <http://www.stallman.org/>

práticas sociais do ciberespaço. Essas práticas não são desvinculadas das questões sociais mais amplas, mas não concordo com a visão de alguns sociólogos de que essas comunidades estão juntas pelo simples prazer do estar junto, sem um objetivo comum. No ciberespaço, grupos como o dos desenvolvedores de software livre têm objetivos bem definidos, os projetos de desenvolvimento colaborativo também têm objetivos. O acesso à informação, ao conhecimento, é um dos preceitos muito interessantes dessa cultura. E está sendo muito bem apropriado pela sociedade de forma mais ampla com a adoção das licenças do *Creative Commons* para a produção intelectual. Do meu ponto de vista, porém, o fator diferenciador e extremamente instigante dessa cultura, que denomino de cultura livre, é o desenvolvimento colaborativo, ou seja, a forma diferenciada de se lidar com processos criativos, de construção do conhecimento. E obviamente que para isso o acesso à informação (ao código-fonte, no caso de desenvolvimento) é fundamental. Todavia, o desenvolvimento colaborativo somente é revolucionário se estiver associado aos preceitos da economia solidária, que busca formas diferenciadas de produção.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a máxima de Linus Torvalds: "libere cedo e frequentemente, delegue tudo o que você possa"?

Carla Schwingel - Esse é um dos preceitos do desenvolvimento colaborativo, é a inversão da produção cheia de segredos, de silêncio da catedral para a efervescente, ruidosa forma do bazar, da feira. Acho interessantíssima a idéia de não haver a necessidade de se esperar que algo fique "pronto" para ser divulgado. É a lógica do digital, da atualização constante. Não há mais a necessidade de um horário de fechamento, nos produtos do jornalismo digital, por exemplo, onde há vários "fechamentos" durante o dia. Sempre considere que quem faz segredo de suas idéias é porque tem medo de que outro

as roube, ou seja, de ficar sem nenhuma. Quando a pessoa tem idéias e as compartilha, outras idéias são agregadas e novas surgem. É sair da lógica da escassez para a da abundância. Esta é a lógica do excesso que o ciberespaço nos proporciona. O liberar cedo é o partilhar idéias; quanto mais se partilha, mais se tem. Quando há uma nova alteração, uma nova agregação de conhecimento, partilhe novamente e delegue a outros a construção daquelas partes em que são especialistas. Se outra pessoa possui conhecimento maior do que você em determinado assunto, delegue a ele. Essa é a lógica do desenvolvimento colaborativo, por isso que a confiabilidade também é responsabilidade do leitor, do usuário, do agente. Há uma idéia muito interessante sobre como, em poucos anos, o leitor passa a ser também escritor. É a noção do *screener* que não mais compreenderia uma função de leitor e outra de escritor. Elas seriam indissociáveis, e as tecnologias colaborativas mostram muito disso.

IHU On-Line - Um projeto coletivo não precisa de um líder que coordene as informações?

Carla Schwingel - O líder de um projeto é quem coordena, direciona, motiva as ações dos demais envolvidos. Ele é uma das condições para o desenvolvimento de projetos colaborativos, de acordo com Eric Raymonds, quem sistematiza o modo de criar da comunidade de código aberto. O que eu coloco em questão é esta necessidade de um líder. Será que esta liderança é tão necessária? Será que não se pode chegar a formas diferenciadas de liderança?

IHU On-Line - Como o jornalismo pode ser pensado nessa estrutura? Como o senhor vê a experiência dos blogs jornalísticos em relação à confiabilidade da informação? Esse novo sistema pode representar, para o jornalista, a perda do controle do processo de produção de informações no ciberespaço?

Carla Schwingel – O jornalismo está sendo pensado nesta estrutura. O jornalismo *open source* é um exemplo. O Centro de Mídia Independente, o *OhMyNews*, o *SlachDot* são exemplos de publicação distribuída, de usuários produzindo notícia. Com as tecnologias de publicação de conteúdos na Internet, o jornalismo digital pode efetivamente ter um sistema diferenciado e próprio de produção. A questão da confiabilidade da informação no jornalismo é uma, a confiabilidade da informação no jornalismo digital já é outra, e a confiabilidade da informação nos *blogs* jornalísticos é outra. Hoje, ela é muito atrelada à representatividade do profissional, à sua história profissional, que geralmente é feita em outra mídia. Quando, porém, se fala em confiabilidade da informação, gosto muito da resposta que os coletivos do CMI elaboraram, ou seja, qual é a confiabilidade da informação passada por um jornalista que possui determinadas crenças, educação, cultura; que escreve para um veículo com determinados interesses comerciais, pertencente a pessoas (grupos) com outros negócios e que, muitas vezes, nem possui um posicionamento editorial claro? No caso dos projetos colaborativos, que é meu foco principal de interesse, a

confiabilidade se dá pela comunidade, pela livre-postagem, pelos mecanismos interativos.

***IHU On-Line* – Qual a diferença entre um hipertexto cooperativo e um hipertexto-colagem?**

Carla Schwingel – Estes são conceitos do professor Alex Primo, da UFRGS. No hipertexto cooperativo, a produção do conteúdo é de todos, conforme descrevo nos exemplos dados da tecnologia *wiki*, em que todos são os autores de todos os textos de determinado produto/projeto. Já no hipertexto-colagem, cada autor faz um texto, produz uma informação e eles passam a compor um produto.

***IHU On-Line* – Que relações podem ser estabelecidas entre o trabalho colaborativo e a economia solidária?**

Carla Schwingel – A relação a ser feita aqui se dá no sentido de que o trabalho colaborativo estabelece uma lógica diferenciada de produção, em que a troca, a construção coletiva é evidenciada. A economia solidária também propõe uma lógica distinta de produção. Na base desta relação, está a teoria sistêmica e a compreensão da economia como parte do ambiente em que vivemos: um ambiente vivo, interdependente, cooperativo.